



PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 227

**POR UM ESPAÇO SINGULAR: PRODUÇÃO DO
ESPAÇO E ESPACIALIDADE MÚLTIPLA DA PRAÇA
BATISTA CAMPOS, BELÉM-PA**

João Afonso Miranda Dias

Belém, Abril de 2009

**POR UM ESPAÇO SINGULAR: PRODUÇÃO DO ESPAÇO
E ESPACIALIDADE MÚLTIPLA DA PRAÇA
BATISTA CAMPOS, BELEM/PA¹**

João Afonso Miranda Dias²

RESUMO

O esforço teórico-metodológico aqui apreendido faz parte de um ano de intenso processo de discussão com o intuito de se pensar a cidade de Belém/PA a partir de suas *praças* e/ou *ruas*. Espaços esses considerados aqui como de vital importância para as manifestações advindas de vivências e insurgências cotidianas múltiplas e que emprestam os seus diversos sentidos e *ritmos* a uma cidade tropical como a de Belém. Neste viés, a praça Batista Campos, enquanto realidade empírica de complexo caráter social, acaba por ser um exemplar privilegiado e qualificado para a presente análise. Pois, revela-se síntese dos complexos conteúdos estratégicos que se estabelecem em torno da produção do seu espaço social. É, a partir daí que, se estabelece embates no vivido contraditoriamente e que vão desde a confrontação física, de caráter ideológico, até os jogos de prestígio com o estabelecimento de tácitos acordos advindo de vicissitudes simbólicas e imaginárias. Passa-se, deste modo, de um espaço formal e frio à um espaço outro, dotado de qualidades intrínsecas, característicos de sua natureza indomável marcada pela transitoriedade do seu *vir a ser*.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço Público; Práticas Sociais; Vida Urbana; Belém do Pará.

¹ Este artigo é uma síntese de um trabalho monográfico intitulado “*Espaços da singularidade: manifestações múltiplas do cotidiano da praça Batista Campos, Belém/PA*” apresentado como requisito para o Curso de Especialização em Planejamento e Gestão Internacional de Áreas Amazônicas (FIPAM) pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA)/UFPA, em 2008, e sob a orientação da professora Dr^a. Lígia T. L. Simonian.

² Geógrafo bacharelado e licenciado pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e especialista, conforme a nota anterior.

ABSTRACT

The effort theoretical and methodological seized here is part of a year of intense process of discussion with a view to think the city of Belem/Para from its squares and streets. Spaces considered here as those of vital importance to the events stemming from everyday experiences and insurgencies many and which lend their various senses and rhythms to a tropical city of Belém as this bias, the square of Batista Campos, while empirical reality of complex social character, ends up being a copy privileged and qualified for this review. Well, it is synthesis of complex content strategy which set up around the production of their social space. It is from there that if we lived down in the clashes and contradictorily, ranging from physical confrontation, ideological character, even the games of prestige with the establishment of tacit agreements comes vicissitudes of symbolic and imaginary. Moves up this way of a formal space and other space to a cold, with intrinsic qualities, characteristic of his indomitable marked by the transitory nature of its *Come-to-be*.

KEY-WORDS: Public Space; Social Practices; Urban Life; Belem of Para.

1 INTRODUÇÃO

Pensar a *urbe* de Belém a partir de suas *ruas* e/ou *praças* representa um esforço teórico-metodológico o qual parte do pressuposto de que esses espaços, vividos e construídos no fazer diário da vida, podem ser projetados imagetivamente como símbolos da urbanidade desta cidade. Uma vez que, por serem espaços apropriados por vivências e insurgências cotidianas múltiplas, que contém e que estão contidas em uma realidade urbana de complexo caráter social, emprestam seus diversos sentidos e *ritmos* a esta cidade dos trópicos amazônicos. Conforme Velho (2005, 1987, 1986), a análise de um lugar de encontro e simultaneidade da multiplicidade da vida urbana e social em uma cidade.

Este é o caso de Belém é, portanto, de interesse fundamental à análise científica deste *socius* complexo que é o urbano. E isto, ainda segundo sua apreciação, potencializa a dimensão espacial dos processos de reprodução das relações sociais por mergulhar na esfera do cotidiano e da análise do vivido, do lugar propriamente dito, o qual vai ser alcançado por meio do entendimento que o espaço é produto, condição e meio de reprodução social. Pois, pode-se dizer que o espaço urbano da cidade capitalista é, ao mesmo tempo, produto dos inúmeros agentes sociais que ao produzirem o espaço urbano a consumem, mas também é, simultaneamente, condição de reprodução das relações sociais e meio indispensáveis para que estas relações aconteçam.

Nesse sentido, os estudos dos espaços das praças e/ou ruas de uma metrópole se envereda aqui à análise dos usos, agires e modos de apropriação múltiplos e singulares que neles se verifica. Diversidade social esta que se projeta como a imagem de uma vida urbana e social da metrópole e que

não se cumpre sem esforços de se firmar (LEFEBVRE, 2002, 2001). Pois, que a mesma faz frente aos inúmeros processos de revitalização e valorização implementados pela prefeitura municipal de Belém, via planejamento e gestão da cidade.

Nestes termos, compreende-se que o domínio do espaço é o meio e, ao mesmo tempo, revela as contradições *do* espaço e não *no* espaço, o que permite que a crise e o movimento ganhem existência. E isto por meio dos quais o espaço é produzido enquanto singularidade. Cabe, a partir do exposto, indagar como a multiplicidade da vida humana, os aspectos diferentes dos seus usos e agires possuem neste espaço em estudo o seu substrato essencial persiste e insiste frente aos inúmeros processos de revitalização?

Pelo que se sabe, esses processos se implementam e correspondem constantemente numa privatização, em um dos espaços públicos mais qualificados da cidade de Belém. Também, por ser alvo estratégico e simbólico para o Estado, a praça Batista Campos (Figura 1) passa a ser foco privilegiado de projetos múltiplos de revitalização. E estes, por sua vez, possuem como objetivo primordial ordenar, disciplinar e retalhar. Portanto, impõem a este espaço apropriado uma dominação.

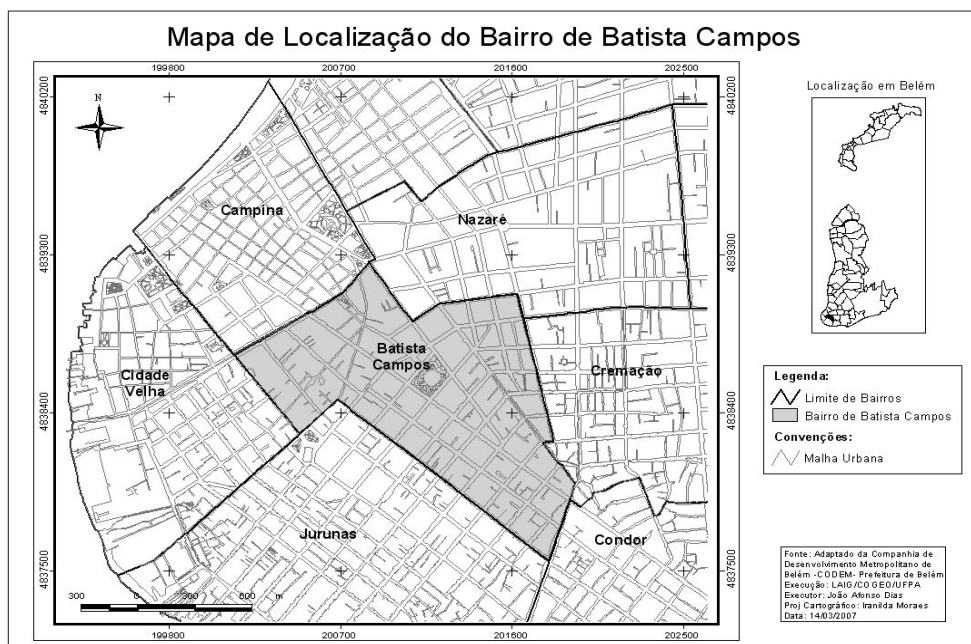


Figura 1: Localização do bairro de Batista Campo no contexto espacial de Belém.

Fonte: Belém. Laboratório de Informação Geográfica – LAIG, 2007.

Nesse sentido, a primeira parte deste artigo trata sobre a discussão teórica e conceitual para o melhor entendimento do espaço público da praça Batista Campos e/ou rua Tamoios. Embasamento dado por um determinado entendimento do conceito teórico e prático do que é a cidade e o urbano, a partir de Lefebvre (2002, 2001). Na segunda parte, apresentar-se-á o momento atual das práticas sociais e culturais, com a constituição de um *vir a ser*, ao invés de ser, no/do espaço. É, neste momento, que se vê de maneira mais clara que a produção do seu espaço é um jogo dialético onde se

busca a todo o custo minimizar, recalcar e decalcar os conteúdos múltiplos e contraditórios que neste espaço se vivencia.

Precisamente, o objetivo é cada vez mais o de ordenar, disciplinar e retalhar o espaço agora em sua expressão formal e lógica. Além disso, ainda se refletirá pontos possíveis para o momento da apropriação por meio do uso e do agir deste espaço. Estes pontos, conforme Seabra (1996), foram elencados por meio de dois sub-tópicos. E por meio destes, se analisa a praça em sua relação com o espaço da rua Tamoios e com a produção e constituição de seres humanos *multidimensionais*.

2 PRODUÇÃO DO ESPAÇO E ECONOMIA POLÍTICA DA CIDADE: TEORIA E CONCEITOS SOBRE O ESPAÇO PÚBLICO

O espaço público da praça Batista Campos revela contradições inerentes a produção do seu espaço social. Contradições essas que se fazem e se reproduzem por meio das práticas materiais da multiplicidade de formas de apropriação e das estratégias de dominação que em seu espaço se exerce.

Nesta reflexão, as contradições do espaço ganham importância a dimensão espacial dos processos sociais enfocada por uma economia política da cidade o que possibilita o envolvimento e o reconhecimento das considerações do significado da produção do espaço.

Precisamente, porque a produção do espaço é o pressuposto para a compreensão destas contradições que implodem a realidade social sem, no entanto, fazerem-na explodir, de forma que o valor de troca possui um filtro que homogeneiza, porém nem sempre reage no que se refere a dialética dos conteúdos que acabam por reagir e resistir a igualização. Com isso, para a análise presente é fundamental o conceito de espacialidade que é aqui entendido enquanto produto social, apropriado por meio das práticas sociais³ a partir das necessidades de reprodução social, seja ela individual e/ou coletiva de grupo. A noção de espacialidade é central para a análise aqui apreendida por permitir ultrapassar a rigidez do espaço-geométrico ou espaço-palco das práticas espaciais.

Desse modo, enfatiza-se a noção do espaço não apenas como produto, mas também como condição indispensável e meio para a reprodução social, potencializando, com isso, a dimensão do vivido. Esta economia política da cidade seria, portanto, uma teoria mais ampla que permitiria pensar o espaço público da praça Batista Campos em sua produção, como espaço construído, produzido socialmente e não deste ou daquele objeto presente no seu espaço. É a partir disto, que se busca ir para além dos objetos presentes no espaço da praça e assim chegar à essência das contradições.

Sai-se de uma análise das contradições *no* espaço para o entendimento das contradições *do* espaço (DAMIANI, 1999), ou seja, chegando a essência de suas contradições que lhes são inerentes possibilitando, assim, ir de uma análise da construção de objetos para uma análise da constituição de práticas sociais urbanas prenes de contradições. E é neste sentido, que se observa aqui o reconhecimento da cidade enquanto *obra* produzida e vivida, no cotidiano das relações de imediaticidade, o que acaba por revelar uma potência intrínseca ao urbano. Esta potência urbana,

³ As práticas sociais humanas são tempos, ritmos da vida que ao se materializarem criam formas espaciais, espacialidades, apropriadas socialmente pelos grupos sociais, a partir de seus usos e agires múltiplos.

energia concentrada e acumulada de relações sociais, se evidencia como possibilidade de maneira mais clara e imediata na vida daqueles que vivem em e vivenciam uma cidade tropical.

Quanto à Belém, tal abordagem se dá por meio de seus lugares⁴ qualificados, tais como uma rua e/ou uma praça. Deste modo, se compreende que

[...] a própria cidade é uma obra, e esta característica contrata com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, a obra é o valor de uso e o produto é o valor de troca. O uso principal da cidade, isto é, das *ruas* e das *praças*, dos edifícios e dos monumentos, é a festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas e, objetos e em dinheiro) (LEFEBVRE, 2001, p. 4, *grifo de Afonso Miranda Dias*).

Espaços este, então, contidos e que contém a cidade são produzidos por sociabilidades próximas onde os laços de solidariedade se confundem com seus anseios, desejos, paixões etc. Espaços públicos privilegiados, formas espaciais que se expressam por meio da dialética de seus conteúdos.

A partir do que já foi exposto, entende-se aqui por espaços públicos, *loci* privilegiados de vida urbana e social, como aqueles espaços vividos e construídos no *cotidiano*. Os mesmos são construídos a partir das relações de proximidade que a própria esfera pública contemporânea promove e que possibilita àqueles que a frequentam modos amplos de uso e apropriação, tudo de acordo com os seus anseios, desejos, paixões vários e múltiplos etc. Nesta direção, também o lúdico, a música, as artes, o falar junto, o *tête-à-tête*, os jogos de interpretações, o lazer que pressuponha o uso e a apropriação do corpo etc., tudo compondo os sentidos múltiplos da existência humana.

De fato, são espaços que divulgam o uso e a construção de uma identidade local, assim como o sentimento de pertencimento, com o lugar, por isso mesmo todos *singulares*. E observe-se que o singular passa a existir enquanto vivência urbana coletiva de modo único e criativo. Por sua vez, tudo isto possibilitando o desenvolvimento *multidimensional* dos seres humanos.

3 O VIR A SER DO ESPAÇO: MANIFESTAÇÕES MÚLTIPLAS DO COTIDIANO DA PRAÇA BATISTA CAMPOS

É nessa malha de relações contraditórias, como anteriormente visto, que se articula dois momentos da produção do espaço de Batista Campos. Se, de um lado, há a prevalência da lógica, pelos instrumentos técnicos, pela quantificação e pela imposição de uma lógica (formal) do espaço

⁴ Para Santos (1999, p. 258), o lugar seria o “[...] quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade”. Já na concepção de Carlos (1996 b, p. 20-21, *grifo de João A. M. Dias*), “[...] O lugar é a porção do espaço apropriado para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a *praça*, a *rua* [...] – vivida/conhecida/reconhecida em todos os cantos”.

cujos conteúdos se vêm reduzidos e recalcados, por meio de planos de revitalização, implementação de monitoramento e vigilância, mapeamento de uso etc. De outro, a dialética dos conteúdos, das classes e grupos sociais que se apropriam desse espaço quase que, em sua maioria, de maneira clandestina, precária e desejosa de acordo com seus símbolos e signos de encontro que dão a esse espaço privilegiado o potencial da vida urbana enquanto civilidade e urbanidade.

Isso se assemelha as duas cidades distintas, porém, complementares, enfocadas por Hardt e Negri (2002), parafraseando Agostinho, as quais se entrelaçam, confundem e superpõem coexistindo em Batista Campos, juntamente com seus tempos e *ritmos* próprios das espacialidades múltiplas dos grupos sociais e de seus agires respectivos. Onde “[...] el ascenso, el desarrollo y el fin destinado de las dos ciudades... que hallamos... entretejidas... y mezcladas entre sí [...]”, conforme Agostinho (apud HARDT, NEGRI, 2002, p. 418). Num momento primeiro, portanto, incide sobre o desvendamento de estratégias que movidas por lógicas sociais possui no espaço um apoio substancial para a sua realização.

Isso se faz por meio do qual o domínio do espaço, com a construção de obras de infraestrutura, é fonte fundamental e pervasiva de poder social na e sobre as relações que se estabelecem na vida cotidiana (HARVEY, 1992). É neste instante que se reafirma a prevalência da lógica (formal), da razão, que ao se transfigurar em uma razão cada vez mais instrumental, logo prática, como sentido único da realidade social, surge, portanto, como uma estratégia de *dominação* do mundo que é tanto política quanto econômica. Este primeiro momento é o da propriedade, da privatização do espaço, da apropriação enquanto recalcada, estrangulada, caricatural.

Ora, isso sinaliza para a imposição de uma forma-conteúdo do espaço da praça Batista Campos reduzidos estrategicamente e que são marcados por seus signos proibitivos. Estes, por sua vez se revelam por meio da capacidade de definir os padrões de uso e o ordenamento do espaço de Batista Campos por meio de instrumentos de revitalização que são elencados por uma representação do espaço pelo seu mapeamento. O *layout* produzido na gestão municipal, em 1996, revela claramente essa intervenção que acaba por refletir no cotidiano daqueles que freqüentam esse espaço da praça (Figura 1).



Figura 1: Layout de revitalização da praça Batista Campos, na gestão de Edmilson Rodrigues.

Fonte: Belém. Secretaria, 2006.

Revitalizações essas que através de um policiamento maior, vigilância, normas e códigos de condutas dirigidas pela prefeitura acabam por serem investimentos que homogeneizam e impõem-se às práticas desiguais historicamente datadas. Ainda, as mesmas revelam as resistências dos sentidos e ritmos múltiplos que nela se constituem. Seus signos expressam estratégias que se configuram muitas vezes em placas, cabines de vigilância⁵ – a qual não estava na planta do projeto original elaborado pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente – SEMMA para a revitalização da gestão Dulcimar Costa –, posto da polícia municipal, câmeras etc. Estes equipamentos de controle certamente facilitam o olhar disciplinador de grupos diversos que passam pelo quadrilátero de Batista Campos.

Cabe aqui enfocar, por hora, apenas algumas das inúmeras *estratégias* recentes e de maior visibilidade para compreensão de quão forte é o investimento para esta privatização de um espaço público como o de Batista Campos. Para isto, Foucault (1996) servirá de apoio para este desvendamento tendo em vista que, conforme apontado por Damiani (1999), o desvendamento das estratégias sociais que possuem no espaço um instrumento fundamental perpassa pela decifração dos conteúdos complexos do espaço o qual:

⁵ As duas cabines de vigilância instaladas pela Prefeitura Municipal de Belém – PMB na gestão atual de Duciomar Costa foram construídas nas duas esquinas, sob a justificativa de facilitar a observação. E de um lado, tem-se o fluxo que vem de um lado dos bairros do Jurunas, Guamá, Condor com a cabine construída na esquina da rua Mundurucus com a avenida Padre Eutíquio, enquanto a outra, localizada na esquina da rua Tamoios com avenida Serzedelo Correa, fiscaliza o fluxo de carros e pessoas que vem dos bairros de Comércio, Fátima, São Brás, Nazaré.

- exige a decifração do espaço social reduzido ao espaço “puro”, frio, como estratégia reduzindo seus conteúdos;
- compreende que os conteúdos mais amplos não são resultado de um pensamento estratégico, mas reconhecer que há conteúdos adversos à forma predominante, e eles são reais, frutos e resíduos de ações individuais e/ou coletivas.

Neste sentido, o olhar disciplinador do policial impede modalidades diversas de vivência que possuem apoio na praça Batista Campos para manter-se e sobreviver. E, a saber, se impede o mendigo ou morador de rua de deitar nos bancos ou de almoçar no interior dos coretos, de pisar na grama nova colocada à guisa de revitalização, de fazer dos labirintos do interior da praça pista de ciclismo etc. Tais estratégias de controle corroboram para a diferenciação entre o usador e o usuário.

Além disso, pode-se facilmente perceber que as cabines de vigilância implementadas criam e impõem no interior da praça vazios de sentido. Uma espacialidade que proclama alto o poder do Estado, por meio da prefeitura municipal de Belém, e que impossibilita formas de apropriação do espaço por parte do corpo, do tempo do humano, a partir do encontro e da simultaneidade.

Os vazios tem um sentido: proclamam alto e forte o poder do Estado que os arranja, a violência que neles pode se desenrolar. Mais tarde afetam-se transparências para outras finalidades que justificam de uma outra maneira os entalhos na vida urbana (LEFEBVRE, 2001, p. 16).

Nestes termos, não se pode se aproximar e se comunicar, tendo em vista que os guardas não se deixam aproximar pelo seu próprio isolamento no interior da cabine. A disciplina imposta por este aparelhamento do espaço público tende a reduzir, filtrar, adestrar os *ritmos* dos agires múltiplos que compõe o corpo presente da/na praça.

Assim, esvazia-se a partir de uma individualização que visa à sujeição. Conforme Foucault (1996 [1975], p. 153, *grifo de João A. M. Dias*), “[...] o poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior adestrar; ou, sem dúvida, adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. [...] ‘adestra’ as *multidões* confusas”. Isto implica não apenas em uma domesticação das multidões, mas também um esfacelamento do espaço que é, concomitantemente, também uma domesticação e esfacelamento do tempo. Portanto, do próprio ser humano.

Essa preocupação, com efeito, já era evidente no texto de *Vigiar e Punir*, de 1975, no qual Foucault ([1975] 1996, p. 131) destaca:

É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação confusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antidesertificação, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-

lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimentos, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico.

Repartições indecisas estas, portanto, que permitem o retalhamento e o não encontro dos indivíduos, à sua constituição múltipla tendo em vista que o Estado divide para dominar, para o melhor entendimento vale aqui uma citação de Carlos (2002, p. 308).

[...] não é somente a atomização do social em indivíduos separados, em individualidades hostis, mas é a divisão quase sem limites dos conteúdos da sociedade, que é o suporte das relações sociais, ligados aos seus modos de existência. No espaço social, suporte material e imaterial das relações sociais, a fragmentação é um instrumento do poder político, ele divide e separa para reinar.

E, nesta perspectiva, se retém e retalha a potência intrínseca do urbano e uma vida urbana múltipla e por isto complexíssima.

No entanto, a vida cotidiana da praça Batista Campos não se restringe somente às coações e constrangimentos inerentes ao poder de Estado, sendo necessário ir para além das pretensas continuidades, observando os acidentes, as falhas, as fraturas e fissuras, os desvios que possuem neste espaço a sua materialidade irreduzível. Liberta-se, assim, a história de sua profundidade não manifesta para associá-la à dinâmica dos acontecimentos, à imprevisibilidade do devir e do seu *vir a ser*, ou seja, às surpresas sócio-espaciais. A partir de Deleuze (2006), o que se define aqui por espaço público não é por meio de seu livre acesso, ou ainda, pela perspectiva jurídica da lei, pois, a generalidade, a razão instrumental é da ordem das leis.

De fato, se define essa questão pela possibilidade de vida urbana onde os modos diferentes de apropriação se confrontam e se articulam no vivido, apropriando-se do espaço de acordo com seus interesses de representação. E isto juntamente aos resíduos, às resistências, leis e normalizações concebidas por um código de gestão destes espaços da cidade. A lei só determina a semelhança dos sujeitos que estão submetidos a ela e a equivalência que ela designa. Neste sentido, é fundamental o entendimento de que “[...] a lei *constrange* seus sujeitos a só ilustrá-la à custa de suas próprias mudanças” (DELEUZE, 2006, p. 21, *grifo de João A. M. Dias*) das diferenças múltiplas dos ritmos e dos agires de seus grupos e frequentadores.

Foi visto ainda a pouco, o primeiro viés da construção social do espaço de Batista Campos. Faz-se necessário, neste momento, focar sua contrapartida. Ou seja, um segundo momento, o da produção do espaço que nasce da introdução e inserção de conteúdos adversos, resistentes, irreduzíveis às ordenações e hierarquizações sociais e espaciais. Conteúdos adversos, estes que vão da confrontação e embate, através da violência, à literatura, ao jogo e ao teatro, por meio do lúdico, do sonho e de suas representações.

No entendimento de Pensamento (1995), em sua perspectiva histórico-cultural, a representação é o ressurgimento do passado a partir da combinação entre uma experiência com a evocação; consiste, portanto, em uma relação ambígua entre uma presença e uma ausência. No caso,

esta mesma realidade é a presentificação de uma ausente. E nos moldes do que sugere Pensavento, Lefebvre (apud SEABRA, 1996) propõe numa teoria da representação.

Essa, por sua vez, envolve questões como: a *ideologia*; envolta das representações; a *alienação*, reclamando o entendimento que supera a autoconsciência; o *conceito teórico*, capaz de esvaziar as representações; a *prática social*, cujo conteúdo implica em relações de criação – criação como momento de presença. Neste sentido, para Lefebvre a representações implicam uma presença e uma ausência que são discutidas na dialética da coisa do produto e da obra (LEFEBVRE, apud SEABRA, 1996). Já na perspectiva cultural de Woodward (2004), a representação inclui práticas de significação e sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos, nesse sentido, como sujeito. É por meio destes significados produzidos que se dá sentido à experiência humana e aquilo que se é.

O uso do espaço, conseqüentemente, é o pressuposto essencial desse momento da construção social da praça e que permite ultrapassar as contradições *no* para *do* espaço, que estão no cerne do espaço de representações. O uso é aqui entendido, conforme Lefebvre (apud SEABRA, 1996, p. 71), como sendo da ordem do irracional, pois o “[...] uso do espaço, do tempo, do corpo, essencialmente porque abrigam dimensões da existência, os sentidos da vida: o prazer, o sonho, o desejo, o riso!”. Estas dimensões são ainda fundamentais para os seres humanos.

É nesse sentido, que o uso guarda a dimensão da vida (CARLOS, 1999), que é plural indo para além da própria materialidade. Isto se assemelharia ao agir que Hardt e Negri (2002, p. 380) propõem sobre qual “[...] el poder de actuar es constituido por el trabajo, la inteligencia, la pasión y el afecto en un lugar común”. Reconhece-se, assim, que “[...] as experiências subjetivas podem levar a domínios de percepção, de imaginação, de ficção e de fantasia que produzem espaços e mapas mentais como miragens da coisa supostamente ‘real’” (HARVEY, 1992, p. 188). Isto significa que as práticas de reprodução social não são determinadas pela forma material dos objetos.

E, inclusive, o mesmo ocorre com os objetos presentes no espaço da praça Batista Campos, pois as práticas sociais tem o hábito estranho de escapar de sua circunscrição a todo esquema fixo de representação. Ora, isto só vem reforçar a transitoriedade do *vir a ser*, ao invés de ser. Uma vez que, sua natureza transitória possibilita resgatar formas de representação do espaço que foge a instância de dominação caindo em um espaço de representações. O que possibilita tratar, aqui, não apenas o espaço, mas também o tempo e a história como algo a ser criado, construído, ao invés de aceito.

Deste ponto em diante, pode-se recorrer ao apoio de Deleuze e Guattari (1995) para o esforço aqui empreendido, quanto ao entendimento das espacialidades presentes e múltiplas em Batista Campos. Isto se realizará a partir da noção de um espaço rizomático, uma vez que as “[...] multiplicidades são rizomáticas” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 16). Precisamente, para os mesmos autores “[...] um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 37, *grifo no original*). Deste modo, pode-se identificar aqui inúmeros exemplos, porém destacar-se-á apenas alguns dessas relações possíveis.

Um primeiro caso a ser abordado é o da relação rizomática entre o parquinho de criança e o aparelho de ginástica destinado aos atletas que frequentam a praça. Há, neste sentido, entre estas duas espacialidades um conjunto de traços de signos e códigos distintos que se interconectam dentro deste

rizoma, de modo que “[...] cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 15). Deste modo, para Velho (1986, p. 39), um rizoma possibilita com que haja “[...] diferentes códigos operando em função das diferenças de domínio”.

Conseqüentemente, o devir-atleta da criança, no seu ato de brincar em aparelhos de ginástica, principalmente nas manhãs dos finais de semana, colocando seu balanço na barra de ferro ou fazendo do aparelho de abdominal um trezinho, proporciona um agenciamento⁶ maquínico (DELEUZE; GUATTARI, 1995). E isto a considerar-se a espacialidade dos aparelhos de ginástica que, por sua vez, se transverte na imagem do parquinho de criança. Por outro lado, este devir, que tem na praça um *locus* de saúde e esporte, agencia o parquinho de criança que, por sua vez, define sua linha de fuga e se reveste na imagem, por mimese, mimetismo, fingimento etc., no aparelho de ginástica disponível.

Pode-se afirmar que o aparelho de ginástica e o parquinho de criança fazem um rizoma indomável em sua heterogeneidade dentro de um espaço de representações múltiplas. No entanto, há de se enfatizar que nesta relação de interconexão e heterogeneidade não há imitação, decalque, mas sim captura e mais valia do código, aumento de valência a sua potência enésima, devir verdadeiro, ou seja, seu *vir a ser*. E isto porque “[...] não há imitação nem semelhança, mas explosão de duas séries heterogêneas na linha de fuga composta de um rizoma comum que não pode mais ser atribuído, nem submetido ao que quer que seja de significante” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 19). Um outro exemplo rizomático que necessita ser focado aqui é o da relação estabelecida entre o mendigo com o banco da praça.

No entanto, antes se faz necessário distinguir duas ordens de práticas sociais que na praça possuem apoio. Uma primeira fala da vivência cotidiana por meio do lúdico, do circo, da caminhada e do passeio com as crianças, por exemplo. Uma outra ordem se configura como uma estratégia de sobrevivência dos que frequentam a praça Batista Campos. É exatamente por isso, que a permanência de flanelinhas ou de mendigos ao entorno desta praça pode se configurar como tática de permanência e sobrevivência em uma vida repleta de dificuldades e exclusões.

Dito isso, pode-se agora discutir sobre o modo como o mendigo se relaciona com a praça, ou melhor, com os seus bancos. O interessante que o mendigo se assemelha ao “homem dos lobos” o qual evocam Deleuze e Guattari (1995). Trata-se aqui no singular, “[...] o mendigo [...]”, “[...] o homem [...]” dos lobos, mas “[...] quem ignora efetivamente que os lobos andam em matilha?” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 42). A evocação da matilha de lobos (*Canis lupus*) possui no mendigo da praça o seu representante, ou melhor, a sua representação.

Esse homem “lobo” cerca a praça, pois efetivamente, ele se vê obrigado a estar fora dela. Um código de postura do município de Belém certamente não é, mas parece ser uma coação e um constrangimento de classe, uma vez que nem todo aquele que anda na praça pela manhã gostaria de estar andando conjuntamente com um mendigo ao seu lado. Neste sentido, este fica à espreita, na periferia, pronto para no momento certo dar o “bote”. Dorme na praça, porém afasta-se dela pela

⁶ Conforme Deleuze e Guattari (1995, p. 17), “[...] um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões”.

manhã, embora permaneça na periferia. Sua intenção é voltar à noite para dormir no interior da praça, nos bancos e coretos, refazendo assim seu percurso no seu dia a dia.

É, exatamente nesse movimento, que o banco deixa de ser banco. O mendigo em sua prática de sobrevivência agencia multiplicidades e desloca o banco da praça que, por sua vez, se reloca em seu destino novo, sua fase nova, por exemplo, uma cama. No entanto, o banco da praça nunca foi cama e, talvez, nunca o seja realmente. Porém, ele se redefine, se reveste, captura o código por uma sobrecodificação com o intuito de garantir o seu devir, a sua natureza imaginária e utópica do seu vir a ser. E neste sentido, “[...] quando imagens cuidadosamente elaboradas durante anos são reinventadas” (VELHO, 1987, p. 45), como no caso da praça Batista Campos, tem-se imagens (re)construídas por usos e agires, resíduos e linhas de fuga.

E elas se prolongam em estratos de projeções mentais e simbólicas ao espaço material, o que introduz uma gama de conteúdos irredutíveis ao espaço, o que permite que sua análise se enriqueça, pois que tais projeções se referem ao lúdico, à obra, ao sonho, ao instintivo, a uma gama de energias que compõe o ser humano. Estas modalidades de vivência ressaltam os sentidos de criatividade e de uma insurgência do uso (SEABRA, 1996); em outros termos, o uso do espaço resgata o sentido da obra que, por sua vez, traz sentido a cidade. Consequentemente, tem-se a cidade em sua materialidade é produzida como arte, ou seja, antes de ser produto de coisas, ela é uma construção das relações sociais.

A partir daqui, faz-se necessário apresentar um olhar mágico e, ao mesmo tempo, maquínico que se contrapõe ao olhar estável e proibitivo da praça Batista Campos, o que se vê em um *croqui* do seu espaço (Figura 3). Observe-se ali a inserção de uma gama rica de conteúdos irredutíveis e dialeticamente expostos. E a seguir-se Deleuze e Guattari (1995), por certo que o mapa não é decalque.

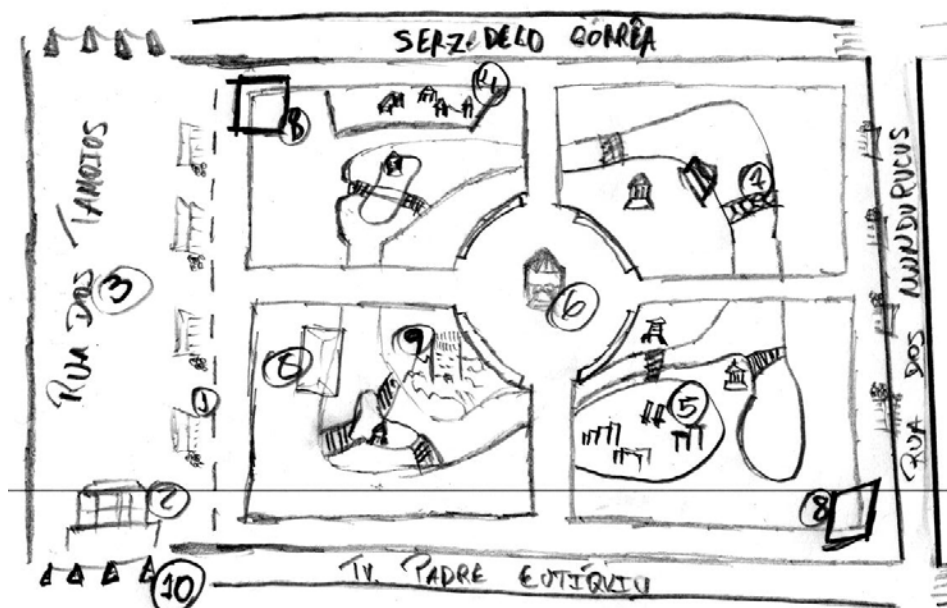


Figura 3: Croqui da praça Batista Campos como plano utópico e imaginário do espaço⁷.

Fonte: Dias, J. A. 2008.

Ainda, a praça comporta um eixo genético ou uma estrutura profunda, de um espaço formal. Porém, pode ser também outra realidade: o mapa, o rizoma que não é decalque. Enfim, como afirmam Deleuze e Guattari (1995, p. 22), “[...] se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para a experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói”.

3.1 “O EXPLORAR DOS POSSÍVEIS”⁸: IMANÊNCIA ENQUANTO ESSÊNCIA MÚLTIPLA

A velocidade dos automóveis particulares nas ruas próximas a praça Batista Campos exerce sobre ela um tipo de estrangulamento que constringe, até certo ponto, a vida social e urbana que nela se vivencia. E em que pese os vizinhos atletas e os passeadores por ali circularem com frequência, o que poderia sugerir certa paz, as tensões são já muitas nesta área central de Belém. Neste ponto, como questiona Ligia Simonian (2008, informação verbal), não teria sido suficiente mais de 100 anos de existência para uma construção sócio-espacial mais sustentável e, portanto, segura?

⁷ Legenda: 1 – Barraca de venda de cocos; 2 – Palco de Show; 3 – Rua Tamoios aos finais de semana; 4 – A imagem do aparelho de ginástica no Parquinho de Criança; 5 – Devir do Parquinho de Criança do aparelho de ginástica; 6 – Coreto/Namoródromo; 7 – Ponte sobre o lago; 8 – Vazios de Sentindo; 9 – Gruta/Castelo; 10 – Barreira contra carros.

⁸ O tópico presente trás como subtítulo uma alusão ao texto de Seabra (1996).

3.1.1 Movimento de ruptura: a rua Tamoios

A rua Tamoios comporta em seu cerne um movimento duplo dentro da realidade presente. Se, num primeiro momento, de um lado, ela coagi, constrange, boicota a concepção aqui desenvolvida de espaço público e exercida no cotidiano de suas relações, de outro, ela reforça, revigora, potencializa, possibilita formas de vivências e encontros do cotidiano da praça. Este movimento, então, se caracteriza por uma surtura/ruptura, por uma ordem/desordem, por um isolamento/multidão *sucessivamente* presentes na rua Tamoios.

No que se refere à rua Tamoios, ela é dominada por carros, pelo tempo da técnica, predominantemente, durante os dias da semana, é a ruptura que prevalece. Neste momento, a rua enquanto “[...] espaço público destina-se à passagem, não à permanência [...] sua verdadeira finalidade é a de servirem como passagem, do automóvel ou do ônibus” (SENNETT, 1998, p. 28) não ligando nada, apenas separando, segregando e recalçando. E ela continua, ordenada e ininterruptamente, como a velocidade dos carros.

De manhã cedo, durante a semana, parece que tudo foi minuciosamente preparado para evitar a apropriação da rua Tamoios pelos frequentadores da praça. Isso se dá pela grande quantidade de carros e vans que vêm trazendo os alunos para os colégios próximos. Todos os dias da semana são assim, nos dois turnos, seja de manhã cedo (momento de entrada), seja ao meio-dia (momento de saída), seja também na entrada e saída dos alunos do turno da tarde. No entanto, ainda há alguns corajosos atletas que tentam lutar contra os movimentos dos carros para conseguir caminhar ou correr nesse espaço público morto, devido o predomínio dos carros, que constituem uma imensa barreira, que separa e propicia grande ruptura da rua com a praça Batista Campos.

Assim, o espetáculo da rua nunca foi a velocidade, o tempo da técnica, vinculada a velocidade dos automóveis, mas sim, a vida vivida conhecida/reconhecida pelos usos e agires, que compõe a multidão e os múltiplos sentidos da existência por meio do corpo do ser humano. Este momento que compreende mais fielmente ao da surtura, que liga e aglutina a rua Tamoios à praça Batista Campos, é os dos finais de semana festivos, dos festivais e das confraternizações que possuem na rua espaço público privilegiado dessa apropriação. Neste sentido, o espaço público morto (SENNETT, 1998) dos Tamoios volta a viver e reviver nos finais de semana e feriados.

A partir disso, o sentido da rua se esclarece e ganha brilho, ao ser tomada por uma qualidade que é imanente aos sentidos da vida social em Batista Campos, comportando por meio do encontro, da simultaneidade, da coexistência, o potencial dos sentidos e *ritmos* múltiplos da vida. Estes, por sua vez, vão desde o sonho e até mesmo do delírio da dança ou ao ouvir de uma música, práticas significativas de produção cultural e espacial, ao teatro espontâneo da rua, o qual torno-*me* espetáculo e espectador, ou quem sabe, ator.

[...] a rua? É o lugar (topia) do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados (café, teatros, salas diversas). Esses lugares privilegiados animam a rua e são favorecidos por sua animação, ou então não existem. Na rua, teatro espontâneo, torno-*me* espetáculo e espectador, às vezes ator. Nela efetua-se o movimento, a

mistura, sem os quais não há vida urbana, mas separação, segregação estipulada e imobilizada (LEFEBVRE, 2002, p. 29, *grifo de João A. M. Dias*).

É, exatamente, nessa mistura, nessa desordem de encontros e desencontros, de olhares perdidos e encontrados, de falas ao outro ou ao vento, vivências e insurgências de gestos e encenações que compõe os agires dos *ritmos*, dos tempos que marcam a multidão.

É nesse lugar de conflitos de expressões e de conflitos de desejo que perpassa a diferença que neste momento da rua Tamoios possibilita e que se inserem modos de ser que, portanto, são por natureza ambivalentes. Tal compreensão comporta, conforme Virno (2003, p. 18), “[...] temores y reparos” pois, “[...] la multitud es un modo de ser, el modo de ser que hoy prevalece: pero, como todo modo de ser, es ambivalente, contiene en sí peligro y salvación, aquiescencia y conflicto, servilismo y libertad”. Isto fica mais claro quando se fala do medo de ir à rua Tamoios ou à praça Batista Campos, sob o pretexto de que, cada vez mais, aumenta a violência, o roubo, os assaltos etc.

Essa perspectiva revela o medo do contato com o outro, da diferença, da “pobreza” que existe nos arredores. É uma vez que o ser humano não necessita apenas de segurança, mas também e, igualmente, da insegurança e do medo, do anseio do contato com o outro e com o que ele vem trazer de novo. Pensar assim representa tirar a esfera da necessidade de sua limitação na materialidade, expandí-la para outros campos de possibilidades da existência (VELHO, 1986), como os dos sentidos múltiplos da vida em sociedade.

3.1.2 Um pouco mais do possível: espaço múltiplo cria o ser multidimensional

Nessa direção, aproxima-se aqui da análise, agora considerada por completa, de uma produção do espaço da praça Batista Campos. É isto porque contempla suas dimensões e planos de análise que perpassam o entendimento de que o espaço é produto, condição e meio de reprodução social. Obviamente, que estes níveis se entrelaçam e se correlacionam no decorrer de todo o trabalho, no entanto, o momento aqui considerado leva a pensar que o espaço, enquanto condição e meio de reprodução social, proporciona também a produção da natureza humana.

Isso já tinha sido constatado por Carlos (2002, p. 303), a qual já acenava que “[...] o processo de produção do espaço é também um processo de reprodução da vida humana”. Precisamente, o *uso* do espaço para viver – por meio da prática de exercícios físicos ou pela possibilidade de descanso e divertimento com as crianças, em um final de semana – ou apenas de sobreviver – como no caso do mendigo e do flanelinha que possui na praça um ponto de segurança e abrigo – é uma necessidade incontestável (CARLOS, 2002). Tais condições constituem um pressuposto da vida, o que remete à produção da natureza do ser humano (DAMIANI, 1999) enquanto ser social e espacial.

Conforme Carlos (2002), no momento, parece ser pertinente, pois que ajudaria a deixar mais claramente definida esta situação.

[...] reafirmamos que a dimensão espacial da realidade social nos coloca diante da articulação sociedade-espaço, na medida em que a produção da vida, no cotidiano do indivíduo, não é só a produção de bens para a satisfação de necessidades materiais, é também a produção da humanidade do homem, colocando-nos diante da produção social do mundo (CARLOS, 2002, p. 305-306).

É, a partir disto que, conforme Soja (apud SALGUEIRO, 2003, p. 100), “[...] por um lado, as nossas ações e pensamentos modelam o espaço, mas, ao mesmo tempo, os espaços mais amplos coletiva ou socialmente produzidos nos quais vivemos também modelam as nossas ações e pensamento”. A partir daí, todo o esforço anteriormente apreendido foi buscar compreender o espaço da praça Batista Campos como um espaço singular por sua irredutibilidade múltipla.

Nesse, os agires, os usos e o valor de uso influenciariam nas práticas, nos hábitos e nos comportamentos culturais e sociais dos grupos que coexistem nesse espaço. Porquanto, cabe agora, então, aqui falar da produção de um indivíduo singularmente múltiplo que, de alguma forma, já vinha sendo tratado em forma de hipótese teórica por Velho (1987).

A minha hipótese é muito simples e retoma colocações anteriores. Quando mais exposto estiver o ator a experiências diversificadas, quanto mais tiver de dar conta de *ethos* e visões de mundo contrastantes, quanto menos fechada for sua rede de relações ao nível do seu cotidiano, mais marcada será a sua autopercepção de *individualidade singular* (VELHO, 1987, p. 32, grifo João Afonso M, Dias).

Ora, isto vem apenas confirmar que mesmo estando situado em um segmento mais ou menos bem definido em termos socioeconômico e cultural, constata-se uma margem determinada de manobra e de opção com a existência de um campo de possibilidades para experiências.

De acordo com essa opção, o indivíduo poderia transitar de maneira semelhante ao que Hall (2006) propõe a um descentramento do sujeito pós-moderno o qual pode assumir posições diferentes, até mesmo contraditórias, em momentos distintos. Então, a multidimensionalidade de um sujeito singular adviria de um ser humano dotado e apto de todas as suas faculdades, características, aptidões, fantasias etc. E, como se refere Velho (2005, 1987, 1986), estas possibilidades fazem deste ser um múltiplo complexo, assim como em uma sociedade complexa.

É o que Lefebvre (2001, p. 106) chamou de um ser humano polivalente e polissensorial, uma vez que é “[...] na direção de um [ser humano] urbano, polivalente, polissensorial, capaz de relações complexas e transparentes com ‘o mundo’ (o meio e ele mesmo)”. Por sua vez, ele comporta dimensões pouco valorizadas atualmente. Dentre estas, tem-se o imaginário, as angústias, os dramas, desilusões e ilusões, os jogos de prestígio com a realização de tácitos acordos, o circo, a arte, a música, a dança etc., em uma palavra, a necessidade da obra.

O ser humano singular e múltiplo, com isso, é criativo e produz um espaço outro, qualificado, esquizofrênico, composto por linhas de fuga, não vinculado à produção. Seu vínculo se dá com a arte,

a música, ao circo, ao teatro, ao instintivo. E a ter-se em vista que, “[...] já acentuamos a relação entre o ‘ser humano’, apreendido analiticamente [...]. Des[t]e ser humano, o saber acumulado pela filosofia nos diz que é contradição: desejo e razão, espontaneidade e racionalidade” (LEFEBVRE, 2002, p. 82). Neste sentido, este indivíduo multidimensional dotado do exercício pleno de suas faculdades e aptidões, capaz de sonhar e *transcender*, potencializa o irracional e o instintivo de sua espontaneidade – que compõe as dimensões outras do vivido e da experiência humana.

Esse processo se dá por meio da crítica a uma teoria das necessidades. A mesma é baseada na materialidade, conforme Baudrillard (1972), e acaba por contrastar com a produção de um indivíduo fragmentado e materializado que se hegemoniza por meio de sua homogeneidade e que compõe uma massa ou um povo. É este o entendimento de que fala Virno (2003), cuja vontade pretensa, única e una, recalca e submete um decalque frio e mesquinho da multidão enquanto exterioridade essência e pura.

4 CONCLUSÃO

Esse artigo ressalta alguns pontos de relevância à problemática discutida e envolvendo a praça Batista Campos em sua espacialidade e historicidade. Um primeiro ponto a ser referido é que se buscou aqui demonstrar que por ser um espaço singularmente múltiplo, o espaço público da praça Batista Campos acaba por comportar usos, agires e *ritmos* diversos. E estes são inerentes à própria gama de sentidos e perspectivas de uma metrópole amazônica como a de Belém.

Um outro ponto refere-se à importância que espaços públicos como a praça Batista Campos possui para o poder de Estado. Nesta perspectiva, o Estado veio implementando inúmeras obras de valorização e revitalização que por implementarem uma organização do espaço rígida e disciplinar acaba por tolher as diferentes e múltiplas maneiras de expressão que dão vida e ânimo a esse espaço. No entanto, por ser da ordem dos conteúdos, das qualidades intrínsecas esses múltiplos usos de agires falam de uma projeção do espaço que vai para além dos objetos materiais, indo para um espaço de representações das quais remetem a sua natureza ilusória e utópica, se enveredando, portanto, a uma realidade imaginária composta de planos utópicos.

Conclui-se, desse modo, que a implementação e a imposição de uma lógica (formal) buscam ser hegemônicas nos espaços públicos das praças, como é o caso da praça Batista Campos, que chega a ser exemplar. Ali, existem manifestações de vivências e insurgências advindas de uma multidão de sentidos e perspectivas que revelam seus usuários, independentemente de quem quer que seja. E estes resistem e insistem, enfim, garantem à cidade de Belém os seus sentidos e seus conteúdos plenos de irredutibilidades. É isto que caracterizaria sua natureza indomável de um *vir a ser*.

Natureza indomável essa, por mais que imperceptível aos olhos de um horizonte acanhado e limitado, possui força expansiva, suficiente em sua potência enésima para prolongar, tal como uma vontade de potência (NIETZSCHE, 1977). Por sua vez, seus planos e linhas e deslocar, arrastar, relocando em outro lugar que não o da singularidade agora enfocada. Certamente, uma perspectiva dócil e domesticada, por ora, ainda presente na praça Batista Campos e/ou rua Tamoios.

5 REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. *Para uma crítica da economia política do signo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972. 278 p.

CARLOS, A. F. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996 b. 150 p. (Geografia: teoria e realidade).

_____. O lugar: mundialização e fragmentação. In: SANTOS, M. (Org.). *O novo mapa do mundo: fim do século e globalização*. 4ª. ed. São Paulo: HUCITEC, 2002. p. 303-309.

DAMIANI, A. L.; CARLOS, A. F.; SEABRA, O. C. (Org). *O espaço no fim do século: a nova raridade*. São Paulo: Contexto, 1999.

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. 2ª. ed. rev. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

HARDT, M.; NEGRI, A. *Imperio*. Buenos Aires: Editora Paidós, 2002.

HARVEY, D. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1992.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

PENSAVENTO, S. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 8. n. 16, p. 279-290, 1995.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SAUGUEIRO, T. B. Especialidades e temporalidades urbanas. In.: CARLOS, A. F.; LEMOS, A. I. G (Org). *Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade de São Paulo*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 99-104.

SEABRA, O. C. L. A insurreição do uso. In: MARTINS, J. S. (org.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 71-86.

SENNETT, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SIMONIAN, L. T. L. *Informe verbal especialmente sobre a praça Batista Campos*. Belém, 2008. (Anotações de J. A. M. Dias, 2008).

VELHO, G. Unidade e fragmentação em sociedades complexas. In.: SOUZA, J.; ÖELZE, B. (Org.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora UnB, 2005. p. 249-267.

_____. *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 2º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

VIRNO, P. *Gramática de la multitud: para un análisis de las formas de vida contemporáneas*. Buenos Aires: Colihue, 2003. 208 p.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença*. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

*Revisão do texto de responsabilidade do autor